

LEANDRO GOMES DE BARROS

VIDA E TESTAMENTO DE

CANÇÃO DE FOGO



VIDA E TESTAMENTO DE
CANÇÃO DE FOGO

**Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional**



LUZEIRO EDITORA LIMITADA

03025 - RUA ALMIRANTE BARROSO N 730
TELEFONE: 93-8559 - CGC 43.826.643/0001-00
INSCR. ESTADUAL 109.085.107 - SÃO PAULO

A VIDA DE CANÇÃO DE FOGO

LEITOR se não enfadar
Desta minha narração
Leia a vida dêste ente
E preste bem atenção
Que foi o quengo mais fino
Desta nossa geração.

Pois êle desde criança
Sabia a tudo iludir
Estradeiro muito velho
Não o pôde competir
O Cancão nunca armou laço
Que alguém pudesse sair.

Cigano que no Egito
O temiam como lôbo
Entre todos os ladrões
Era o professor do roubo
Chegou aqui no Brasil
O Cancão fêz dêle um bôbo.

Até na hora da morte
O Cancão caloteou
Com o testamento dêle
Ainda o juiz se enrascou
O escrivão recebeu
Um processo que tomou.

Na vida dêle houve caso
Que fêz chamar atenção
Muita gente talvez pense
Que seja exageração
Ia um ladrão roubar êle
Êle roubava o ladrão.

Agora vamos saber
Quem era êsse tal Cancão
Descrever os sinais dêle
Costumes e propensão
Para podermos entrar
Em sua apreciação.

Cancão era um apelido
Que os irmãos lhe puseram
Pelas travessuras dêle
Êsse apelido lhe deram
Por êle nunca querer
O que os parentes quiseram.

Êle era branco moreno
De olhos agatiados
O rosto largo pequeno
Os cabelos estirados
Não eram pretos nem louros
Eram quase acastanhados.

O corpo muito franzino
 E muito pouco comia
 Vivia sempre pensando
 De noite pouco dormia
 Não confiava em ninguém
 E nem contava o que via.

No quengo é que não se pode
 Dar dêle uma descrição
 Só posso classificá-lo
 Como grande aberração
 Um caso extraordinário
 Enfeites da criação.

Porque admira a todos
 Esse ente se criar
 E enganar todo mundo
 E ninguém o enganar
 Nunca achou um estradeiro
 Que o pudesse enrascar.

Roubar objeto algum
 Isto não, nunca roubou
 Mas em negócio com êle
 Nunca ninguém se salvou
 Desde a igreja à justiça
 Tudo isto se queixou.

O pai de Cancão de Fogo
 Foi um homem preparado
 De muito bons sentimentos
 E muito bem arranjado
 Mas a sorte neste mundo
 Dá e tira, como um dado.

Por isso Cancão um dia
 Estava numa discussão
 Disse a um irmão da mãe dêle
 — Homem algum tem distinção
 A vantagem do fiel
 É a mesma do ladrão.

Já tenho quase dez anos
 Nunca ouvi falar assim
 Pedro escapou por ser bom
 Paulo morreu por ser ruim
 Bom e mau, bonito e feio
 Tudo tem o mesmo fim.

Cancão tinha sete anos
 Quando andou perto da morte
 Foi passar um rio cheio
 A correnteza era forte
 Dessa vez quase a desgraça
 Fêz êle mudar de sorte.

O Cancão já se afogando
 Estava bastante vexado
 Quando passou um cavalo
 Que ali morreu afogado
 O Cancão saltou-lhe em cima
 E disse: estou embarcado.

Os irmãos bateram palmas
 Quando viram êle cair
 Disseram em casa: - Nós vimos
 O Cancão se consumir
 Afogou-se nesse instante
 Ali deitaram a sorrir.

A própria mãe de Cancão
Não deu sinal de sentida
Quando trouxeram-lhe a nova
Da desgraça acontecida
E disse: — Ele não prestava
Nada perdeu-se na vida.

Cancão saiu no cavalo
Com as pernas a remar
Tocaram numa barreira
Cancão pôde se salvar
Disse êle: bom cavalo
Que fêz o dono escapar.

O Cancão entrou em casa
Pôs tudo surpreso
Principalmente os que viram
Quando êle tinha caído
Já tinha corrido a nova
Que Cancão tinha morrido.

A mãe dêle perguntou-lhe:
— A morte então não te quis?
— Quem não quis disse Cancão
Foi o esforço que eu fiz
Graças a um cavalo morto
Que foi que me fêz feliz.

Cancão de Fogo já tinha
Nove ou dez anos de idade
Quando o pai dêle morreu
Deixou-os em necessidade
Cancão quando soube, disse:
Isso não é novidade.

Minha mãe está sem marido
Por isso não vai chorar
Eu também fiquei sem pai
Porém sempre hei-de passar
Ela pode achar marido
Pai é qu'eu não posso achar.

Eu digo como o macaco
A um ótro respondeu
Quando êle disse: Meu mano
Sua mãe hoje morreu
Disse-lhe então o macaco
Por isso esperava eu.

A mãe de Cancão de Fogo
Decidiu-se a trabalhar
Cancão de Fogo não quis
A isso se sujeitar
Dizendo: — Não tenho fôrças
Para serviço acabar.

Agora para viagem
Ou para qualquer mandado
Achava-se de prontidão
Não se mostrava enfadado
Ninguém conseguia dêle
Era serviço pesado.

Todos na casa queriam
Ver o Cancão se acabar
Dizia Cancão de Fogo:
Pode tudo me odiar
Amor não enche barriga
Ódio não faz empachar.

Minha mãe acha que fez
Favor ter-me concebido
Eu cá sim, fiz-lhe um favor
Livrei-a de ter morrido
E o que seria dela
Se eu não tivesse nascido?

Se ela deu-me de mamar
Que eu não sei, ela é quem diz
Eu não lhe pedi o peito
Se me deu foi porque quis
Em eu lhe vazar os seios
Foi um favor que lhe fiz.

Eu cá só devo favor
Ao sol, e a água do rio
A água porque eu bebo
E tomo banho no estio
Devo ao sol porque me esquenta
Nas horas que tenho frio.

Um dia disse a mãe dêle:
— Não temos que almoçar
O Cancão de Fogo disse:
— É fácil de se arranjar
O mundo é uma despesa
Tem o que se procurar.

Então a mãe dêle disse:
— Só se fôr comprar fiado
Eu morro, porém não compro
Deus está vendo o meu estado
Seu pai morreu sem dever
Conservou o nome honrado.

Disse Cancão: — Essa honra
Não passa de palhaçada
Porque o capitalista
Não olha a pessoa honrada
Leve honra numa venda
E veja se compra nada.

Disse a velha: — Não puxaste
A teu pai que foi honrado
Disse Cancão: — Deus me livre
De euter a êle puxado
Se eu fôsse como meu pai
Estava também enterrado.

Ela chorando não pôde
Pronunciar mais um nome
O Cancão de Fogo disse:
— Minha mãe está com fome
Vocês esperem um pouco
Que nesta casa se come.

Saiu encontrou um velho
Que andava ali perdido
O velho era sertanejo
E ali desconhecido
Não sabia dum hotel
Onde fôsse garantido.

O velho muito usurário
Não queria se arranchar
Em qualquer hotel decente
Só com medo de pagar
Dava preferência a um rancho
Sômente a fim de poupar.

Disse-lhe Cancão de Fogo:
— Vossa mercê está perdido
Me pague que vou botá-lo
Onde será garantido
Foi o hotel que já vi
De preço mais resumido.

Eu vou contar uma história
Eu levei lá um freguês
Era um mês que ia passar
Foi tão bom que passou três
Quer saber quando pagou?
Dez centavos cada mês.

Se me dá cinco cruzeiros
Vamos que está arranchado
A despesa é a que eu disse
Lá não há preço alterado
Leve o dinheiro que quiser
Que lá ninguém é roubado.

O velho disse consigo:
Esse sim vem me servir
É atrás dêsse que eu ando
Para comer e dormir
Só gastarei seis cruzeiros
Daqui até eu sair.

E saiu com o Cancão
Com o mesmo a conversar
Cancão mostrou-lhe uma casa
Disse: — É ali pode entrar
Dê-me o dinheiro que volto
Ver'outro para arranchar.

O velho deu-lhe o dinheiro
O Cancão saiu danado
Não procurou mais ninguém
Foi logo para o mercado
Dizendo com seus botões
Eu hoje como deitado.

Gastou os cinco cruzeiros
Não ficou com um vintém
Chegando com a despesa
Disse p'ra mãe: — Aí tem
Pode cuidar do almoço
Por hoje jantamos bem.

A velha olhou para êle
Com cara bastante feia
Perguntou: — Fôste comprar
Fiado na venda alheia?
Disse Cancão: — Foi um frete
Que eu levei para a cadeia.

A velha aí perguntou:
— Oh! Bruto amaldiçoado!
Além de seres ladrão
Ês demais até malvado
Além de roubar o velho
Deixaste-o tão enrascado.

Lançando mão à uma vara
Atacou ela em Cancão
Cancão se fez na canela
Disse: — Com pau isso não
Eu não hei-de ser fiel
Obrigado a ser ladrão.

O velho chegou na casa
 Julgando que fôsse hotel
 Então logo quando entrou
 Conheceu que era quartel
 E vieram ao encontro dêle
 O cabo e o furriel.

O furriel perguntou-lhe:
 — O senhor vem se entregar?
 É sem dúvida criminoso
 E vem ao júri se livrar
 O velho ficou de forma
 Que nem podia falar.

— Ladrão exclamou o velho
 Traíçoeiro desgraçado!
 Disse-lhe o cabo: — Sente-se
 Não precisa ter cuidado
 Porém só pode sair
 Com ordem do delegado.

Então deu-se êsse caso
 No centro da Capital
 E Cancão de Fogo disse:
 Se ficar aqui vou mal
 Eu posso correr o mundo
 E não gasto o principal.

O tio dêle sabendo
 O que tinha se passado
 Foi à casa da mãe dêle
 Que ia desesperado
 Dizendo que do Cancão
 Ainda seria vingado.

Cancão ganhou a estrada
 De Paraíba à Goiana
 Passando por um partido
 Entrou chupou uma cana
 Disse: nessas condições
 Eu viajo uma semana.

Largou-se de estrada afora
 Sem direção, sem destino
 Quando chegou em Goiana
 Embora que pequenino
 Foi procurar uma casa
 Que se empregasse menino.

Empregou-se numa casa
 Para vender tableiro
 A doze cruzeiros por mês
 Disse êle, bom dinheiro
 Isso é quase um ordenado
 De guarda-livro ou caixeiro.

Do serviço de Cancão
 O patrão dêle gostava
 Muito fiel e esperto
 Aquilo não se encostava
 E do tableiro dêle
 Um bôlo não se roubava.

Ao cabo de sete meses
 O Cancão tinha juntado
 Sessenta e quatro cruzeiros
 Quase todo ordenado
 O dinheiro que ganhou
 O tinha todo guardado.

Um dia disse consigo:
Minha mãe tem precisão
Talvez não tenha mais roupa
E até lhe falte o pão
Vou mandar-lhe êste dinheiro
Ela me agradeça ou não.

Mandou-o pelo correio
Mandou dizer onde estava
E o emprêgo que tinha
E a quantia que ganhava
Então mandou-lhe dizer
Que todo mês lhe mandava.

Assim mesmo pela velha
Tudo tinha se arrumado
Ela pensou que Cancão
Tivesse até melhorado
Mas o tio quando soube
Ficou como um cão danado.

E era irmão da mãe dêle
Essa fera inconsciente
Só odiava a Cancão
Por ser êle inteligente
E os filhos dêsse monstro
Brutos desgraçadamente.

Havia ali um mulato
Chamado José Vaqueiro
Um indivíduo ladrão
Covarde e alcoviteiro
Jurava o que nunca viu
Por diminuto dinheiro.

Este tendo feito um roubo
O Cancão de Fogo viu
Foi logo ao delegado
E o roubo descobriu
Por-isso o cabra foi prêso
E a sentença cumpriu.

O tio de Cancão de Fogo
Julgou ir muito, acertado
Mandou por José Vaqueiro
Vir o Cancão escoltado
Dizendo com seus botões:
Êle chega desgraçado.

Chamou Zé Vaqueiro e disse:
— Dou-lhe parte de u'a história
Vá ver Cancão em Goiana
Está aqui a precatória
Êle já lhe deve uma
Tem mais você esta glória.

A precatória que vai
Foi feita pôr escrivão
O delegado assinou
O mandado de prisão
A denúncia vai provando
Que o menino é ladrão.

Êle descobriu seu roubo
Você pode se vingar
Êle fêz você ir prêso
E custou a se soltar
Essa ocasião é própria
Para você descontar.

O indivíduo saiu
 Como uma fera tirana
 Levou chuva no caminho
 Pôs-se a tomar muita cana
 Foi cair embriagado
 Num dos ranchos de Goiana.

O Cancão ia passando
 E achou êle deitado
 Disse êle dentro de si:
 Este cabra vem danado
 O carcereiro amanhã
 Terá mais êste apurado.

Meteu-lhe a mão na algibeira
 E achou a precatória
 Era um protocolo enorme
 De uma medonha história
 Disse Cancão eu te arranjo
 Um baile de palmatória.

Aonde Cancão dormia
 Tinha chaves enferrujadas
 De porta de armazéns velhos
 Por ali depositadas
 Cancão limpou-as dizendo:
 Hoje são aproveitadas.

Voltou e achou o cabra
 Ainda na mesma soneira
 Cancão tomou-lhe chegada
 Botou a mão bem maneira
 Trazia as chaves num mólho
 Botou-lhe na algibeira.

Saiu no mesmo momento
 Foi dizer ao delegado
 Vi no rancho de tal parte
 Um indivíduo deitado
 É ladrão e assassino
 E três vêzes processado.

Anda com chave que abre
 Qualquer porta de armazém
 E na casa onde vai
 Não deixa nela um vintém
 Se não prenderem logo
 Não escapará ninguém.

Então foram lá no rancho
 Ainda estava êle deitado
 Cinco chaves na algibeira
 Foi visto por um soldado
 O indivíduo é ladrão
 Disse o praça ao delegado.

O indivíduo acordou
 Já debaixo do facão
 Falava porém, ali
 Ninguém lhe dava atenção
 Êle ali calculou logo
 Ser cilada do Cancão.

Daí a sessenta dias
 Foi que veio justificar
 Levou setenta e três surras
 Quase morre de apanhar
 Por um milagre de Deus
 Ainda pôde voltar.

O Cancão disse consigo:
Eu aqui sou descoberto
Ir para outro lugar
Esse é o plano mais certo
Eu não quero que a polícia
Me ache de corpo aberto.

Devido a José Vaqueiro
Ter caído na prisão
O comércio de Goiana
Fêz um presente a Cancão
Deu-lhe duzentos cruzeiros
Como gratificação.

Cancão antes de sair
Fêz duas cartas primeiro
Uma foi para a mãe d'ele
Mandando-lhe mais dinheiro
Outra ao tio dando lembranças
Que mandava Zé Vaqueiro.

Disse na carta do tio:
"Seu mordomo excelente
Eu apresentei-o aqui
Ao delegado somente
Foi para a casa da câmara
Seguido por muita gente.

Está na casa do governo
Lá tem honras de Sultão
Soldados ali na porta
A sua disposição
Se o senhor tivesse vindo
Era mais satisfação".

Cancão pediu ao patrão
Licença de uma semana
Para visitar sua mãe
Que estava em Itabaiana
Dizendo: — Ela não pode
Vir a pé até Goiana.

O patrão aí pagou-lhe
O resto do ordenado
Disse Cancão eu agora
Quero tomar mais cuidado
Dormir pouco e andar muito
Viver mais acautelado.

O tio de Cancão de Fogo
Foi lá pessoalmente
E provou com documentos
Que a prisão foi inocente
Foram procurar Cancão
A um mês estava ausente.

O tio de Cancão de Fogo
Disse ao tal José Vaqueiro:
— Você siga daqui mesmo
Atrás daquele estradeiro
Disse o cabra: — Eu não vou lá
Ainda por todo dinheiro.

Quem sofreu o que eu sofri
Não vai atrás de Cancão
No meu lombo não tem lixa
Para limpar-se facão
Os dois meses de cadeia
Me serviram de lição.

Eu fui que quase que morro
Com facão e palmatória
Os tormentos que eu passei
Me ficaram em memória
Garanto que seu sobrinho
Foi quem ganhou na história.

Canção embolsou o cobre
Disse: Vou dar um passeio
O mundo é mole eu sou duro
E furo de meio a meio
Agora vou a Recife
Vou ver se é bonito ou feio.

Canção saiu de Goiana
Antes de dar meio-dia
Chegou em Iguarassú
Ao tocar da Ave-Maria
Não quiseram dar-lhe rancho
Pois ninguém o conhecia.

A polícia o encontrou
Perguntou-lhe de onde vinha
Disse êle: — Venho de casa
Da minha avó e madrinha
Disse o sub-delegado:
— Você é bom p'ra marinha

O Cancão dentro de si
Ficou bastante agitado
Mas se mostrasse recusa
la dormir amarrado
Disse consigo: eu arrumo
Este sub-delegado.

Esse sub-delegado
Era alfêres ambulante
Sujeito metido a bom
Porém muito ignorante
O Cancão disse consigo:
Este aqui cai num instante.

Disse Cancão: — Seu tenente
Era atrás disso que eu vinha
Porque até quando durmo
Sô sonho com a marinha
Por isso já desgostei
A minha avó e madrinha.

O senhor faz uma carta
A quem eu hei-de falar
Me ensine a rua onde é
Que é fácil de acertar
Disse o alfêres: — Eu mando
Um soldado lhe levar.

— Ainda é melhor p'ra mim
Disse contente o Cancão
Peço à vossa senhoria
Para me dar um cartão
Porque me arrumei bem
Com a sua proteção.

Foi Cancão para o quartel
Mas não se deu por achado
No dito quartel dormia
O tal sub-delegado
Por fortuna nessa noite
Da fôrça tinha um soldado.

O alfêres confiado
Que ali estava garantido
Armou a rêde e deitou-se
De tôda roupa despido
Ressonava como um porco
Estava do mundo esquecido.

O soldado na tarimba
Da mesma forma dormiu
O Cancão disse consigo:
Esse sono me serviu
Tirou a roupa de todos
Abriu a porta e saiu.

Carregou as duas blusas
Do alfêres e do soldado
Calças, camisas, ceroulas
Tudo isto foi levado
Só ficou com o relógio
O resto botou no valado.

As seis horas da manhã
Encontrou êle um menino
Um dêsses que vêm ao mundo
Por capricho do destino
E ao princípio da vida
Triste como a voz do sino.

Cancão perguntou a êle:
— Que tens que vens chorando?
Estão te doendo os pés
Que te vejo suspirando?
Respondeu êle: — Eu devia
Só viver me lastizando.

Fui um menino enjeitado
Fui triste logo ao nascer
Nem uma ave noturna
Tão triste podia ser
Eu sou igual ao deserto
Onde ninguém quer viver.

Esse homem que me cria
Me maltrata em tal altura
Que nem um prêso no cárcere
Sofrerá tanta amargura
Não foi Deus é impossível
Que me deu tal desventura.

— E para onde é que vais?
O Cancão lhe perguntou
— Eu vou daqui a dez leguas
Que êle hoje me mandou
E não me deu um centavo
Veja em que condições vou.

— Queres fazer como eu?
Já ficarás descansado
E teu pai de criação
Talvez nem tenha cuidado
Poís só se tem prejuízo
Se o objeto é comprado.

Eu também sou como tu
Só que não fui enjeitado
Mas até por minha mãe
Eu sou bastante odiado
Porém êste mundo é grande
Eu hei-de viver folgado.

— Como se chama você?
 Ele disse: — Chamo-me Alfredo
 — E eu sou Cancão de Fogo
 Meu nome digo sem medo
 Tendo precisão eu nego
 Porque em tudo há segredo.

Quer ir comigo acompanhe-me
 Faça-lhe observação
 Não há de insultar ninguém
 E nem há de ser ladrão
 Ser esperto nos negócios
 Isso é uma obrigação.

Só furtará uma coisa
 Estando necessitado
 Se não quiserem lhe dar
 Tem o direito sagrado
 Ai se rouba até Deus
 Se achar êle descuidado.

Se um ladrão vir nos roubar
 Devemos procurar jeito
 De roubar primeiro êle
 Porém roubá-lo direito
 Que depois dêle roubado
 Todos digam: foi bem feito.

Disse o Alfredo: — Pois vamos
 Porém eu quero saber
 Nós ainda tão pequenos
 De que podemos viver?
 Disse o Cancão: — Ora essa
 Vivemos do que comer.

Agora vamos saber
 Como o alfêres ficou
 As sete horas do dia
 Foi quando se levantou
 Gritou: — Acorda soldado
 O menino me roubou.

O soldado deu um grito
 Que o alfêres assustou
 E perguntou: — O que foi?
 O soldado suspirou
 E disse: — Tudo que eu tinha
 Aquêle infeliz roubou.

— Que faço: disse o alfêres
 Nusinho sem poder sair
 Se o govêrno souber disto
 Pode até me demitir
 Só não deserto hoje mesmo
 Por não ter o que vestir.

As quatro horas da tarde
 Ainda estava despido
 E o chefe de policia
 Já tinha disto sabido
 Mandou vir prêso o alfêres
 E foi logo demitido.

Cancão chegou em Recife
 Cismado do que houve lá
 Soube que ia um vapor
 Com destino ao Pará
 Disse em voz baixa a Alfredo:
 -- Vamos até o Ceará.

Entremos que ninguém veja
Chegando a ocasião
Que nos vejam sem passagem
Você diz que é meu irmão
O resto é por minha conta
Eu desenrolo a questão.

Entraram pelo resbordo
Sem ninguém dizer nada
Já perto do Ceará
Foram então fazer chamada
Cancão disse a Alfredo:
— Não conte história furada.

Perguntou o comissário:
— Meninos vocês quem são?
— Nós somos dois passageiros
Respondeu sério Cancão
— Passageiros sem bilhetes
Para onde vocês vão?

— Papai comprou as passagens
E mandou nos trazer cá
— Em que vapor mandou êle?
Disse Cancão: — No "Ceará"
Ele mora no Recife
Mamãe mora no Pará.

— Este vapor é Olinda
O Ceará lá ficou
Cancão exclamou de formas
Que o comissário chorou
Disse: - Maninho! Nessa roupa
Ai meu Deus! Que jeito dou.

Perguntou o comandante:
— Menino seu pai quem é?
Disse Cancão: — É fiscal
No Recife, em S. José
Minha mãe é professora
E se chama Salomé.

Perguntou o comandante:
— Como o senhor é chamado?
O Cancão de Fôgo disse:
— O meu nome é Romualdo
— O nome do seu irmão?
Disse Cancão: — É Reinaldo.

Então disse o comandante:
— Quando chegar em Belém:
Mando chamar sua mãe
E o delegado também
Lá é que posso saber
O êrro de onde vem.

O comandante fiado
Que êles eram do Pará
Não os privou que saltassem
No pôrto do Ceará
O Cancão de Fogo disse:
— Um burro é quem volta lá.

Naquele mesmo vapor
A precatória seguiu
Denunciando o Cancão
Quando no quartel dormiu
Porém ia no correlo
O comandante não viu.

Saltaram no Ceará
 Cancão ia descuidado
 E passou casualmente
 Na porta do delegado
 Este disse: — Esteja prêso
 Você foi denunciado.

Você é Cancão de Fogo
 Da Paraíba do Norte
 Você lá só falta ser
 Cúmplice em crime de morte
 Cancão sorriu e disse:
 — Meu senhor só sendo sorte.

— Sorte por quê? Perguntou
 O homem impressionado
 Disse Cancão: — Já ali
 Por um sub-delegado
 Nós dois já não fomos presos
 Por papai ser empregado.

— E você tem pai aqui?
 Disse Cancão: — Tenho acolá
 Disse o delegado: — Então
 Chame seu irmão e vá
 Diga a seu pai que o chamo
 E seu irmão fique lá.

Então disse o delegado:
 — Espere um pouquinho aí
 Deu a bengala a Cancão
 E disse: — Leve isto ali
 Diga ao sub-delegado
 Que traga seu pai aqui.

O Cancão saiu sorrindo
 E disse: — Estou arrumado
 Chegou onde estava o môço
 Deu-lhe o seguinte recado:
 — Está aqui esta bengala
 Que mandou-lhe o delegado.

Ele me ordena que eu
 Diga à vossa senhoria
 Que lhe mande cem cruzeiros
 Que êle já aparecia
 E mandou esta bengala
 Que o senhor conhecia.

O môço deu-lhe o dinheiro
 Cancão de Fogo voltou
 Disse a Alfredo: — Eu agora
 Vou pensar por onde vou
 A bomba demora pouco
 Se ainda não estourou.

Sairemos da Capital
 Ganhamos a capoeira
 Não havemos de passar
 Em lugar que tenha feira
 Perder cem cruzeiros assim
 Não é boa brincadeira.

E voltou com a bengala
 Que tinha lindos anéis
 Disse Cancão: — Isto aqui
 Vale quatrocentos mil réis
 Porém não me custou nada
 Eu a vendo até por dez.

Quando o delegado soube
Disso que tinha se dado
E que a bengala dêle
Cancão a tinha levado
De raiva que teve ali
Quase morreu asfiziado.

Dava duzentos cruzeiros
A quem trouxesse o Cancão
Dava o valor da bengala
Como gratificação
Chorava como criança
E rolava pelo chão.

Disse Cancão: — Procuremos
Um mato muito fechado
Então só devemos ir
Por onde tenha roçado
Onde haja milho verde
Que à noite coma-se assado.

O Alfredo tinha um jeito
Para os olhos revirar
Que representava um cego
Que fazia se jurar
Até um médico oculista
Era fácil se enganar.

E dava um jeito na boca
Que parecia aleijado
O Cancão de Fogo disse:
— Agora tenha cuidado
Você vai para a cidade
Para ver o que é passado.

Alfredo foi à cidade
E lá viu os movimentos
Parecia um aleijado
E cego dos mais nojentos
Soube de tudo que havia
Trouxe três mil e trezentos.

Cancão disse a Alfredo:
— Amanhã vá preparado
Converse com o vigário
Mas assim como aleijado
Pregue-lhe uma das minhas
E peça-lhe um atestado.

Você diz: — Senhor vigário
Venho aqui lhe consultar
Minha mãe antes da morte
Me pediu para pagar
Uma promessa que fêz
Para um santo festejar.

Pedir pelo mundo, esmola
Exposto a todo rigor
Para São Sebastião
E entregar ao senhor
Vossa mercê não estando
Eu dêsse a outro pastor.

Se êle der o atestado
Já vê que aí não há nada
Você peça-lhe uma coroa
E a toalha emprestada
Nós com êsses documentos
Faremos boa jornada.

O Alfredo arrumou tudo
 Quanto o Cancão espera
 Disse o vigário consigo:
 -- Atrás de ti eu andava
 Mil cruzeiros de esmolas
 O vigário projetava.

Então deu-lhe o atestado
 Escrito com perfeição
 Com carimbo da igreja
 Feito por tabelião
 De forma que só estava
 De acôrdo com Cancão.

Mandou-lhe fazer três fatos
 De luto para êle andar
 E lhe disse: — Das esmolas
 Você não pode tirar
 Um centavo dela não tire
 Sob pena de pecar.

Quando Alfredo chegou
 Cancão ficou satisfeito
 Deu-lhe um abraço dizendo:
 — És um menino direito
 Presta atenção nos mandados
 Tudo que faz é bem feito.

Mela-noite êles saíram
 Quando o dia amanheceu
 Disse Cancão: — Neste mundo
 Não há mestre como eu
 Disse: nem o Diabo pode
 Escapar dum laço meu.

Com seis lias de viagem
 Começar a esmolar
 Cancão aonde pedia
 Fazia gente chorar
 A fim de dar uma esmola
 Era capaz de furtar.

A graça era quando êles
 Chegavam num povoado
 O Cancão com a coroa
 Ia pedindo de um lado
 Então Alfredo pedia
 Como cego e aleijado.

No Ceará não ficou
 Uma só povoação
 Que não fôsse explorada
 Por Alfredo e por Cancão
 E nunca chegou o dia
 Que gastassem um só tostão.

Ao cabo de quatro meses
 Já o vigário cismado
 Foi aonde Alfredo disse
 Que tinha sido criado
 Lhe disseram que ali
 Tempo algum tinha morado.

Um dia Cancão de Fogo
 Consultou ao companheiro
 Dizendo: — Somos felizes
 Temos bastante dinheiro
 Já temos mais de três mil
 Vamos ao Rio de Janeiro.

E seguiram para o Rio
Como Cancão calculou
Depois de oito ou dez dias
A precatória chegou
Nem notícia de Cancão
A autoridade achou.

Todos dois estavam em Crato.
Cancão disse ao companheiro:
— Sairemos de madrugada
Não se passa em Juazeiro
E vamos diretamente
Daqui p'ra o Rio de Janeiro.

Passaram por Pernambuco
Entraram pela Bahia
Dez, doze, quatorze leguas
Tiravam êles por dia
Vendo a hora e o instante
Que uma onça os comia.

Já no Estado do Rio
Um dia deram uma errada.
Dormiram numa fazenda
Sairam de madrugada
Deixaram o caminho certo
Sairam por outra estrada.

E andaram todo o dia
Não viram uma só morada
Tinham saído do rancho
A uma da madrugada
Água achavam, que bebiam
Porém o que comer, nada.

A noite faziam fogo
Um velava outro dormia
A onça roncava perto
Cancão de Fogo dizia:
— Se está com frio, tem fogo
Se está só tem companhia.

As seis horas da manhã
Se levantaram e saíram
Eram três horas da tarde
Quando uma casa êles viram
Cheiro de uma feijoada
Chegando perto sentiram.

Era um lugar esquisito
Só uma casa havia
Uma crioula acolá
Com quatro filhos vivia
Dali até doze leguas
Não tinha outra moradia.

A crioula cozinhava
Era fora no oitão
Êles viram a panela
Que cozinhava feijão
A crioula pisava milho
Estava cozinhando um pão.

Cancão de Fogo chegou
Cumprimentou-a contente
A negra cravou-lhe os olhos
Que parecia serpente
O Cancão disse consigo:
Eu pensava diferente.

O Cancão de Fogo disse:
 — Não podemos mais andar
 Vossa excelência me arranje
 O que se possa jantar
 Temos dinheiro e pagamos
 O que a senhora cobrar.

A negra olhou e disse:
 — Já por ali vagabundo
 Gente branca para mim
 É a pior dêste mundo
 Você pode se danar
 E morrer com o ôlho fundo.

A negra chamou um filho
 Disse: — João venha cá
 Vá na baixa de capim
 E mude a cabra de lá
 E volte com muita pressa
 Preciso de você já.

Disse a negra para os dois:
 — Vocês vão logo saindo
 Tem aqui um filho meu
 Que mata gente sorrindo
 Eles saíram, voltando
 Por onde já tinham vindo.

O Cancão de Fogo disse:
 — Nós havemos de voltar
 Para não darmos motivos
 Da negra desconfiar
 Se ela vê por onde vamos
 É fácil de nos achar.

Disse Cancão a Alfredo:
 — Para poder conseguir
 Roubar aquela panela
 É preciso você ir
 Se esconder perto da casa
 Até a negra sair.

Eu pego aquêle moleque
 E vou com êle à madeira
 A negra há de vir a mim
 E você não faça asneira
 Pegue a panela com tudo
 E saia em grande carreira.

Antes da negra chegar
 A minha carreira é feia
 Procure a estrada em frente
 Me espere à legua e meia
 E procure logo um mato
 Onde se bote a ceia.

Cancão pegou o moleque
 Deitou-lhe o cipó no lombo
 A negra partiu danada
 Com o bacamarte no ombro
 Cancão soltou-o e disse:
 Com chumbo, velha, eu não
 [zombo.

A negra ainda atirou-lhe
 Mas o tiro não pegou
 A negra uivava de ira
 E de que modo ficou
 Depois que chegou em casa
 E a panela não achou.

Cancão chegou adiante
Voltou por dentro do mato
Dizendo com seus botões:
Quem morre de fome é pato
Quem trabalha Deus ajuda
O pão é muito barato.

Cancão de Fogo saiu
Correndo sem dizer nada
Ia por dentro do mato
Beirando sempre a estrada
Onde encontrou Alfredo
Já estava a ceia botada.

Era feijão mulatinho
Com ossada de carneiro
Cancão quando acabou disse:
— Já vi hotel barateiro
Enche-se bem a barriga
E não se gasta dinheiro.

Os programas de Cancão
Tinha o que se apreciar
Porque o Cancão dizia:
— Nada faz me admirar
Aquêlê que sorri hoje
Amanhã pode chorar.

Bem só pode estar o sol
Porque ninguém o alcança
Haja no mundo o que houver
O sol lá nem se balança
Enquanto a fortuna dorme
A desgraça não descansa.

Pai e mãe é muito bom
Barriga cheia é melhor
A moléstia é muito ruim
Porém a morte é pior
O poder de Deus é grande
Porém o mato é maior.

Disse Cancão ao Alfredo:
— Assim se deve furtrar
Não é crime nem pecado
Eu falei para comprar
A negra não quis vender
Deu-me direito a roubar.

Afinal chegaram ao Rio
Quando estavam hospedados
Estavam na mesa almoçando
Chegaram cinco sôldados
O oficial de justiça
E dois sub-delegados.

— Quem é o Cancão de Fogo?
Um daqueles perguntou:
— Sou eu respondeu Cancão
As suas ordens estou
— Está prêso por um roubo
O Cancão não se alterou.

O oficial de justiça
Leu claramente o mandado
Então o Cancão de Fogo
Disse ao sub-delegado:
— Dê-me licença almoçar
Que ficarei obrigado.

Tôda gente do hotel
 Prestava grande atenção
 Todos pararam o talher
 Olhando para o Cancão
 Até as autoridades
 Fizeram admiração.

Quando acabou de almoçar
 Pediu a conta e pagou
 Tirou 5 mil cruzeiros
 Ao companheiro entregou
 Disse ao sub-delegado:
 — Agora quèrendo eu vou.

Então, disse ao companheiro:
 Faça o que o juízo der
 E veja se pode ir
 No lugar onde eu estiver
 E demais até um dia
 Quando o govèrno quiser.

Foi Cancão à chefatura
 Para ser interrogado
 Disse o chefe de polícia:
 — O senhor é viciado
 Como foi no Ceará
 O roubo do delegado?

O Cancão de Fogo disse:
 — Eu lá não roubei ninguém
 Fui a um mandado dêle
 Ele não deu-me um vintém
 Eu fiquei com a bengala
 Que não sou pai de ninguém.

— E que dê os cem cruzeiros
 Lá do sub-delegado?
 — Vossa excelência crê nisso
 Isso é plano mal formado
 Quem é que dá cem cruzeiros
 A quem está denunciado?

— E a roupa do alfères
 Que vossa' mercê carregou?
 — Foi para me defender
 Foi isso que me salvou
 Ele p'ra que me prendeu
 Quando ninguém o mandou.

Disse o chefe de polícia:
 — Leve-o para a marinha
 O Cancão de Fogo disse:
 — Essa vontade eu já tinha
 A desgraça ia em viagem
 Quando a fortuna já vinha.

Mas um médico da marinha
 Estava nessa ocasião
 O recusou por doente
 Da laringe e do pulmão
 Achou ser uma injustiça
 Não se proteger Cancão.

As quatro horas da tarde
 Cancão de Fogo voltou
 Dizendo bendito seja
 O que me denunciou
 Há males que trazem o bem
 Como êste agora chegou.

O TESTAMENTO DE CANÇÃO DE FOGO

Nesta história o leitor viu
Quem era Cancão de Fogo
Era aquêlê que dizia:
— A vida é mesmo que um jôgo
P'ra morrer não falta tempo
P'ra dar não precisa rôgo.

Roubar de quem tem demais
É forma de caridade
Tirar dez de quem tem vinte
Está na regularidade
Quem não precisa de tudo
Basta ficar-lhe a metade.

Foi o que Cancão de Fogo
Dissera na hora da morte
A fortuna tem o pêso
Que tem a tirana sorte
A desgraça quando vem
Não respeita quem é forte.

Quando êle viu que morria
Chamou a mulher p'ra junto
E disse: — Minha mulher
Não precisa chorar muito
Não há tempo mais perdido
Do que chorar por defunto.

Disse um filho: — Vou chamar
Com pressa um facultativo
Ali tem um médico bom
Inteligente e ativo
Disse Cancão: — É asneira
Dar remédio a quem está vivo.

Agora depois de morto
Você o mande chamar
Pergunte quanto êle quer
Para me ressuscitar
E diga logo: eu só pago
Se meu pai se levantar.

— Isso não, disse-lhe o filho
Morrendo aí se liquida
Disse-lhe Cancão: — Meu filho
Isso é coisa conhecida
O que consente a morte
Não faz com que volte a vida.

A pessoa que tomar
Remédio p'ra não morrer
É como quem salga a carne
Depois dela apodrecer
É rezar para São Bento
Depois da cobra morder.

Chegou um frade e lhe disse:
 — Venho ajudá-lo a morrer
 Disse Cancão de Fogo:
 — Tenho que agradecer
 — Deite-se aí para um canto
 Cuide logo em se torcer.

— Torcer como? disse o frade
 Disse Cancão: — Meu amigo
 O senhor não vem morrer
 Para ir junto comigo?
 O frade responde: — Vôtes!
 Um burro é que vai contigo.

Disse o Cancão de Fogo:
 — Se eu não tivesse prostrado
 Tinha você que sair
 Cortez e civilizado
 Só entraria em casa
 Depois que fôsse chamado.

— Meu irmão, lhe disse o frade
 Eu vim aqui exortá-lo
 O inferno está aberto
 O Diabo a esperá-lo
 As chamas do purgatório
 Estão prontas para queimá-lo.

Disse-lhe o Cancão de Fogo:
 — Frade eu quero que me dê
 Explicação do inferno
 Lhe peço como mercê
 No inferno ainda haverá
 Um Diabo como você?

Eu não mandei-o chamar
 Nós não temos amizade
 Eu nunca quis relações
 Com cigano nem com frade
 Apenas tenho a dizer-lhe
 Dane-se por caridade.

Agora quero que chame
 O juiz é o escrivão
 De alguns bens que me restam
 Vou fazer a doação
 Vou fazer públicamente
 Minha recomendação.

Entrou em casa o juiz
 Junto com o escrivão
 Foram logo para o quarto
 Aonde estava Cancão
 O juiz disse: — Aqui estou
 A sua disposição.

Disse o juiz: — O senhor
 Tem uns bens para deixar?
 — Sim senhor: disse Cancão
 Eu não os posso levar
 Se alguém quiser ir comigo
 Tem um bom frete a ganhar.

O escrivão disse: - Não brinque
 Repare que a morte é crua
 — Pode até ser cozinhada
 Pode vir vestida ou nua
 Eu brinco cá com a minha
 Você lá respeite a sua.

O juiz lhe perguntou:
— Você não tem dois sobrados?
Quer deixá-los a alguém?
Disse Cancão: — Estão vexados
Ou vocês são dois gatunos
Ou meus filhos são bastardos.

Disse o juiz: — Ora essa
Entenda-se esta charada
Gente em casa me esperando
O senhor dando massada
Eu fazendo falta lá
Devido sua embrulhada.

Disse o Cancão: — Meu amigo
Você assim não vai bem
Vexames trazem fadigas
Das quais não escapa alguém
Padre, juiz escrivão
Não fazem falta a ninguém.

Puxou um papel lacrado
De dentro do travesseiro
Entregou-o ao juiz
E disse: — Leia-o primeiro
Veja quem eu constituo
Como meu testamenteiro.

Sessenta mil cruzeiros
Que tenho depositados
No banco nacional
Três casas e dois sobrados
Estão fora do testamento
Serão inventariados.

Ao Dr. João da Cerqueira
Escrivão dos testamentos
Deixo em Belo Horizonte
Na Praça dos Sacramentos
A casa número 100
Com todos os compartimentos.

Ao Dr. Alves da Lira
Eu deixo em Canta Galo
A casa número 6
Na Rua São Gonçalo
E o sítio dos Ausentes
Na Capital de São Paulo.

Disse o juiz: — Oh! Senhor
É muita dignidade
O senhor dar tanta coisa
Pôr sua livre vontade
A mim e ao escrivão
Isso é ter muita bondade.

— Não doutor: — Disse Cancão
Meus filhos ficam aí
Podem precisar um dia
Os senhores são daqui
Disse o doutor: — Precisando
Já sabem, eu moro ali.

Sairam numa palestra
O juiz e o escrivão
Dizendo um ao outro:
— Foi sublime aquela ação
Só nós dois nos livrariamos
De um calote de Cancão.

Morreu o Cancão de Fogo
 A mulher participou:
 Poucos minutos depois
 O juiz se apresentou
 Daí a uns dez minutos
 O tabelião chegou.

Disse o juiz à mulher
 — Seu marido já morreu
 Com relação ao entêrro
 Deixe que quem faz sou eu
 Eu não quero que dependa
 Um centavo do que é seu.

Fique com essa importância
 Porque talvez necessite
 Mandou fazer catacumba
 Foi quem fêz todo convite
 Disse à mulher de Cancão:
 — Com a senhora estou quite.

Depois de quarenta dias
 Que Cancão tinha morrido
 Procedeu-se o inventário
 Foi tudo bem dividido
 Filhos e mulher de Cancão
 Cada qual foi bem servido.

O juiz depois pensou
 Que havia precisão
 De exigir a escritura
 Da família de Cancão
 Chegou lá não encontrou
 Quem desse definição.

Mas depois disse consigo:
 Eu tenho provas legais
 Provo com o testamento
 Não precisa nada mais
 Tratou de tomar o trem
 Partiu p'ra Minas Gerais.

Saltou em Belo Horizonte
 Foi ao hotel almoçou
 Indagou onde era
 Uma pessoa ensinou
 A rua até era perto
 Num instante êle chegou.

Quando o doutor viu o prédio
 Sorriu-se aí de contente
 Examinou-o por fora
 Achou-o muito excelente
 Tinha cem palmos de fundo
 E setenta e dois de frente.

Então batendo na porta
 Com pouco um homem chegou
 — Que deseja cavalheiro?
 O homem lhe perguntou
 — Sou o dono dêste prédio
 O homem aí o fitou.

— De qual prédio meu senhor?
 — Dêste aqui que você mora
 — Isso é conto do vigário
 E cedo ainda não é hora
 Aí bateu o postigo
 Nem falou mais, foi embora.

O Dr. João Cerqueira
Disse: momentos danados
Ficou possesso de tudo
Porém minutos passados
Foi ao cartório e mandou
Dar busca nos registrados.

Foi ao cartório e bateu
Saiu o tabelião
O doutor disse: — Me consta
Que o colega é escrivão
E eu venho em seu cartório
Decidir uma questão.

E puxou aí do bôlso
Os papéis do testamento
E disse: — O colega veja
Se acha êste apontamento
Veja se não é legal
Todo êste meu documento.

Encontraram a escritura
Da casa já referida
Vendida pelo doutor
Felix Teixeira Guarida
Comprada por uma órfã
Da viúva Margarida.

— Colega como foi isso?
Pergunta o tabelião
— Foi um conto do vigário
Passado por um ladrão
Disse o tabelião: — Este
É igualmente a Cancão.

— Pois foi êsse tal Cancão
Que mora no Rio de Janeiro
Disse-lhe o tabelião:
— Esse é um grande estradeiro
Quando êle era pequeno
Roubou êste mundo inteiro.

Aqui mesmo certa vez
Uma noite de São João
Um ladrão veio roubar-lhe
Ele roubou o ladrão
E o gatuno por isso
Acabou-se na prisão.

O ladrão tinha dois mil
Que de alguém tinha roubado
E julgando que Cancão
Fôsse algum vendelhão de gado
Foi ver se passava um quengo
Mas foi quem saiu quengado.

Disse o gatuno a Cancão:
— Patrão eu tenho dinheiro
Desejo fazer sérias
Transações com o cavalheiro
Disse Cancão: — É preciso
Que eu examine primeiro.

O ladrão quando ouviu isso
Ficou bastante assombrado
O Cancão de Fogo disse:
— Ladrão! Eu sou delegado
Desde três horas da tarde
Que tinha sido avisado.

O ladrão ficou imóvel
Sem saber o que fizesse
Pensou se aquêles dinheiro
Se acaso Cancão o quisesse
Seria o meio que êle
Uma escapula lhe desse.

— Meu moço, disse o ladrão
Por vida de vossos pais
Peço por Nossa Senhora
Deixe-me aqui em paz
Me solte, que lhe prometo
Nunca hei-de roubar mais.

Aí tirou o dinheiro
E disse: — Senhor delegado
Pegue dois mil cruzeiros
Aceite do seu criado
Cancão tomou o dinheiro
E disse: — Vá com cuidado.

Botou-lhe um cêrco por fora
Adiante denunciou-o
A patrulha foi atrás
Minutos depois pegou-o
O gatuno reconheceu
Que outro gatuno roubou-o.

O gatuno confessou
Quando a policia o prendeu
Ainda caçaram Cancão
Ele desapareceu
O gatuno na cadeia
Deu-lhe bexiga e morreu.

Um prêto aqui fazendeiro
No tempo da escravidão
Botou-o como empregado
E êle uma ocasião
Foi a um comprador de escravo
E lá vendeu o patrão.

Meteu o cobre no bôlço
E ninguém o pôde achar
O prêto viu-se apertado
P'ra se desembaraçar
O que Cancão tinha feito
Deu trabalho desmanchar.

Passou quengadas enormes
Com tanta facilidade
Então nas emprêsas dêle
Tinha tal felicidade
Que nunca pôde cair
Em poder da autoridade.

Eu não sei como o colega
Mora no Rio de Janeiro
Não sabia que Cancão
Era o maior estradeiro
— Estradeiro, não; ladrão
Um falsário verdadeiro.

Também o Dr. Cerqueira
Ficou encolerizado
Passou em Belo Horizonte
Uma noite incomodado
Pelo conto do vigário
Que Cancão tinha passado.

Dizia: — Sou escrivão
Nunca roubei um vintém
Trinta, quarenta cruzeiros
Não é roubo de ninguém
O roubo que eu considero
É o que passa de cem

E eu, fazer o entêrro
Do Diabo do ladrão
Gastar seiscentos cruzeiros
Sem a mínima precisão
Dar sepultura ao gatuno
Como se fôsse um barão.

Raios te partam danado
Lá por onde tu andares
O prejuízo que tive
No inferno hás de pagares
Tenho fé na providência
Que lá tu tens de amargares.

Quase trezentos cruzeiros
Nesta viagem gastei
Quando o Diabo morreu
Quantas passadas eu dei
Gastei meu tempo e dinheiro
Veja agora o que lucrei?

Também voltou apitando
Com a carranca mais feia
Chegou em casa deitou-se
E não quis saber da ceia
E lá soube que o juiz
Já tinha ido à cadeia.

Porque foi em Canta Galo
Ver a casa que herdou
Na rua São Gonçalo
A dita casa encontrou
O morador era o dono
A quem êle o intimou.

Como o dono não saiu
Botou-o a pulso p'ra fora
O homem foi à policia
Prendeu-o na mesma hora
O botaram num asilo
Quase que não vai embora.

O escrivão logo cedo
Foi à casa de Cancão
E disse para a mulher:
— Seu marido era um ladrão
Depois de morrer roubou-me
Eu sendo dêle escrivão.

A senhora viu a casa
Que êle p'ra mim deixou-a?
Sendo a casa de uma órfã
Que o Diabo não comprou-a
Disse a mulher de Cancão:
— Doutor êle não levou-a.

O meu marido deixou
O prédio que o senhor diz
Deixou vinte e dois Estados
Que tem o nosso País
Ficou para quem quisesse
Êle nada disse quis.

O doutor correu e disse:
— Também garanto à senhora
Se Deus botá-lo no céu
Pode esperar pela hora
De uma quengada dêle
Que bota Deus para fora.

Porque eu nunca encontrei
Ladrão fino como aquê
Desgraçado do defunto
Que sepultar-se com êle
Eu acho Cancão capaz
De roubar os óssos dêle.

E a senhora também
Desculpe a minha ousadia
Vossa mercê herdou dêle
Costume e categoria
Pois a mulher do filósofo
Aprende a filosofia.

A mulher disse: — Doutor
Meu marido não roubava
Mas com algum escrívão
Que êle se acostumava
Sendo um pouco inteligente
Muitas coisas decorava.

Ele chamou os senhores
Quando estava aqui próstrado
Porque queria imitar
O Cristo crucificado
Queria morrer também
Com um ladrão de cada lado.

O doutor sabe que a gente
Estando perto de morrer
As vêzes sente remorsos
E teme de se perder
Dizem que no outro mundo
A pessoa há de sofrer.

O doutor não viu o frade
Vir também por sua vez
E não viu o meu marido
Que barulho logo fêz
Disse: — Chamei dois ladrões
Não é preciso de três.

Ai lhe disse o escrívão:
— Dê licença vou embora
Sou obrigado a dizer
Que tenho mêdo da senhora
Eu acho vossa excelência
Capaz de vender-me agora.

— Até logo senhor doutor
Disse a mulher de Cancão
Aqui fico às suas ordens
Se acaso houver precisão
Tem uma empregada aqui
À sua disposição.

— Dana-te cachorra doida...
Disse o escrívão correndo
O Diabo é quem vem mais cá
Ainda estando morrendo
O quengo de teu marido
Em ti agora estou vendo.

PÁGINA RECREATIVA

1. Por que é que os ingleses dirigem automóvel pelo lado esquerdo da estrada?
2. Como é que as moscas conseguem ficar no teto de cabeça para baixo?
3. Como é que um pássaro consegue ficar pousado num fio de telégrafo sem levar choque?
4. Por que Bird foi obrigado a levar uma geladeira em sua expedição à antártica?
5. Uma senhora, ao sonhar que ia ser fuzilada, teve tanto medo que morreu de um ataque cardíaco. Um detetive não quis acreditar na história. Por que?
6. Qual a ave que morre mais rápido do que o cavalo, ruge como o leão, mas não sabe voar?
7. Qual a diferença entre mandato e mandado?

RESPOSTA ACERTADA

Uma senhora idosa foi visitar uma das suas amigas e encontrou uma das filhas da casa a chorar.

— Não chore, minha filha, diz-lhe a senhora, é isso que torna feias as caras bonitas.

A menina olhou-a curiosa, curiosa mesmo por entre o choro e respondeu:

— Então a senhora chorou muito em pequena!...

FOI UMA SORTE!

Manuel — Livrei-me de uma boa rapaz.

Joaquim — Como assim?...

Manuel — Acabo de cair de uma escada de 20 metros de altura...

Joaquim — E não te feriste?

Manuel — Não; estava no primeiro degrau.

RESPOSTAS:

1. O costume talvez venha de tempo em que se viajava a cavalo, e cada estranho encontrado na estrada podia ser inimigo. Cada vez que um cavaleiro se aproximava um do outro em direção oposta, cada um passava para a esquerda, deixando a espada ou a garrucha mais perto do estranho para pronta ação.
2. Com o auxílio da cola. A mosca tem um líquido pegajoso nas patas, que as "cola" ao teto.
3. Porque ele não está tocando nada mais, como a terra por exemplo: por conseguinte, não se transforma em condutor de electricidade.
4. Para evitar que os alimentos se congelassem no frio excessivo.
5. A senhora não podia ter conhecido o sonho se morreu dormindo.
6. A avestruz.
7. Mandato é uma autorização, uma delegação, como mandata de deputado. (O deputado faz o nome dos eleitores, que ia em nome dos eleitores, quando a isso o autorizaram quando votaram nele). Mandado é uma ordem, mandando que se faça no que se deixa de fazer alguma coisa, como o mandado de segurança. Cuidado para não confundir. Muita gente confunde.

A PIOR COMPRA

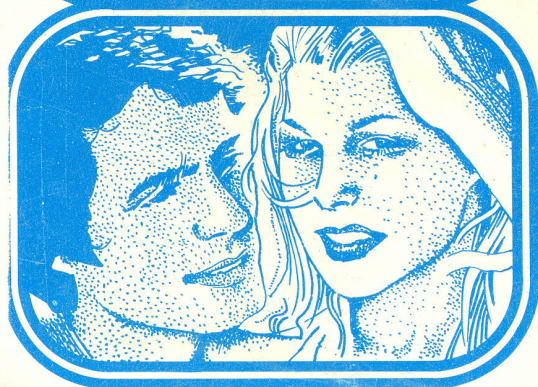
— Qual a pior compra que o homem pode fazer?

— A de um chapéu: porque, ou "vai na cabeça", ou "vai no embrulho", ou "fica na mão".

O LIVRO PARA OS QUE PROCURAM A FELICIDADE

**RELAÇÕES
SEXUAIS PARA
SOLTEIROS
E CASADOS**

VERVALE
Empório D. Pedro II
Loja N.º 4 - Guarabara



**PEÇA PELO
REEMBOLSO
POSTAL
LUZEIRO
EDITORA LTDA
03025
Rua Almirante
Barroso, 730
São Paulo**



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).